

Uma Palavra aos Miseráveis

Uma palavra para os 30.000 que agora vagam pelas ruas desta grande cidade, com as mãos nos bolsos, com os outros olhando com indiferença para você como evidência da riqueza e do prazer dos quais você não possui nenhuma parte, não podendo sequer comprar um pouco de comida para apaziguar a angústia da fome que agora roe seus órgãos vitais. É com você e as centenas de milhares de outros em situação semelhante nesta grande terra de abundância que eu gostaria de ter uma palavra.

Você não trabalhou duro toda a sua vida desde que tinha idade suficiente para trabalhar, para ser útil na produção de riqueza? Você não trabalhou de forma longa, dura e laboriosa na produção dessa riqueza? E em todos esses anos de trabalho pesado, você não sabe que produziu milhares e milhares de dólares em riqueza, da qual você não possuía, não possui agora e, se você não agir, nunca irá possuir qualquer parte? Você não sabe que quando você estava atrelado a uma máquina, e a máquina atrelada ao vapor, e assim você trabalhava suas dez, doze e dezesseis horas aos vinte e quatro anos de idade, que durante este tempo, em todos esses anos, você recebeu do produto de seu trabalho apenas o suficiente para não precisar andar nú, para as necessidades básicas da vida, e quando você quis comprar qualquer coisa para você e sua família sempre tinha que ser de menor qualidade e mais barata? Se você quisesse ir a qualquer lugar, você não tinha que esperar até domingo? Pois tão pouco você recebia por seu trabalho incessante que você não se atrevia a parar por um momento sequer. E você não sabe que, com todo o seu espremer, comprimir e economizar, você nunca foi capaz de se manter mais do que alguns dias na frente da boca dos lobos? E que, ao final, quando o capricho de seu empregador achou adequado criar uma fome artificial limitando a produção, que os incêndios na fornalha foram extintos, o cavalo de ferro ao qual você tinha sido atrelado foi silenciado, a porta de fábrica fechada, você virou um miserável sobre a estrada, com a fome em seu estômago e trapos em suas costas?

No entanto, seu empregador lhe disse que foi o excesso de produção que o fez fechar as portas. Quem ligava para as lágrimas amargas e as dores no coração de sua amada esposa e de suas crianças indefesas, quando você disse-lhes um amoroso "Deus te abençoe!", e depois voltou para a estrada à procura de emprego em outro lugar? Eu digo, quem se importava com esses sofrimentos e dores? Você é apenas um vagabundo agora, a ser execrado e denunciado como um "inútil e vadio" pela mesma classe que havia se empenhado por todos esses anos em roubar você e os seus. Então, você pode ver que o "bom patrão" ou o "mau patrão" não são em nada diferentes? Que você é a presa comum de ambos, e que a missão deles é simplesmente o roubo? Você não consegue ver que é o sistema industrial e não o "chefe" que deve ser mudado?

Agora, quando todos esses dias claros de verão e outono vão passando, e você não tem emprego e, conseqüentemente, nada para economizar, e quando a onda de inverno descer do norte, e toda a terra for envolta em um manto de gelo, não deis ouvidos à voz do hipócrita que irá dizer-lhe que foi ordenado por Deus que "os pobres sempre existirão"; ou para o ladrão arrogante que vai dizer a você que você "bebia todos os seus salários no verão passado quando você tinha trabalho, e essa é a razão pela qual você não tem nada agora, e um hospício ou um pátio de madeira já é muito bom para você; que você deveria tomar um tiro". E atirar em você eles irão, se apresentar suas reclamações de forma muito enfática. Então não ouça a eles, mas faça uma lista!

No próximo inverno, quando as ondas de frio estiverem rastejando através das rendas de suas vestes decadentes; quando o gelo estiver mordendo seus pés através dos furos em seus sapatos desgastados, e quando toda a miséria parece ter se concentrado dentro e acima de você; quando a miséria toma você para si própria, e a vida torna-se um fardo e

a existência um escárnio; quando você já tiver andado pelas ruas de dia, e dormiu sobre tábuas duras de noite, e, finalmente, determinado a tirar sua vida pelas suas próprias mãos - pois você prefere cair fora, para o nada absoluto, do que suportar uma existência que se tornou tamanha carga - então, por acaso, você determina-se a correr subitamente para o abraço frio do lago, em vez de sofrer ainda mais dessa forma. Mas detenha-se antes de cometer este último ato trágico no drama de sua simples existência. Pare!

Não há nada que você possa fazer para garantir àqueles a quem você está prestes a deixar órfãos um destino diferente desse seu? As ondas só irão correr em cima de você em zombaria do seu ato precipitado; mas passeie você pelas avenidas dos ricos, e olhe através das magníficas janelas em suas casas voluptuosas, e aqui você vai descobrir ladrões exatamente idênticos aos que tem estragado sua vida e a dos seus. Então deixe sua tragédia ser promulgada aqui! Desperte-os de seus esportes arbitrários à suas custas. Envie o seu pedido, e deixe que eles o leiam pelo brilho vermelho de destruição. Assim, quando você lançar "um longo e persistente olhar para trás", você pode ter certeza que você tem falado com esses ladrões na única linguagem que eles nunca foram capazes de compreender; eles nunca tinham ainda se dignado a notar qualquer petição de seus escravos enquanto eles não foram obrigados a lê-las pelo brilho vermelho estourando das bocas dos canhões, ou que não foi entregue a eles sobre a ponta da espada. Você não precisa de organização quando você faz a sua mente para apresentar esse tipo de petição. Na verdade, uma organização seria um prejuízo para você; mas cada um de vocês, famintos miseráveis, que lêem estas linhas, aproveitem-se desses pequenos métodos de combate que a ciência colocou nas mãos do homem pobre, e você vai se tornar uma potência nesta ou em qualquer outra terra.

Aprenda a usá-los!

Dedicado aos miseráveis.

por Lucy E. Parsons.

Publicado em *The Alarm* [Chicago], vol. 1, no. 1 (Oct. 4, 1884), pg. 1.

Tradução: Grupo de Estudos Anarquistas Maria Lacerda de Moura. Rio de Janeiro. Janeiro 2015.